



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

Paula Santos Arruda Couto

MULHERES – MÃES IMPERATRIZENSES:

Desafios para o Retorno ao Trabalho e Estudo na Pós-Licença Maternidade.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

Paula Santos Arruda Couto

MULHERES – MÃES IMPERATRIZENSES:

Desafios para o Retorno ao Trabalho e Estudo na Pós-Licença Maternidade.

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador (a): Prof. Dr. Wellington Da Silva Conceição.

Imperatriz – MA
2023



Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Couto, Paula Santos Arruda. MULHERES-MÃES IMPERATRIZENSES: Desafios para o Retorno ao Trabalho e Estudo na Pós-Licença Maternidade / Paula Santos Arruda Couto. - 2023.

32 p.

Orientador(a): Wellington Da Silva Conceição.
Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2023.

1. Gênero. 2. Mulher-Mãe. 3. Sociologia. 4. Trabalho. I. Conceição, Wellington Da Silva. II. Título.



**UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO**

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

Paula Santos Arruda Couto

MULHERES – MÃES IMPERATRIZENSES:

Desafios para o Retorno ao Trabalho e Estudo na Pós-Licença Maternidade.

Artigo apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia.

Orientador (a): Prof. Dr. Wellington Da Silva Conceição.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Wellington Da Silva Conceição.
(Orientador/a)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra., Vanda Maria Leite Pantoja
(1º Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Maynara Costa de Oliveira Silva
(2º Examinadora)
Universidade Federal do Maranhão



RESUMO

O seguinte trabalho aborda os desafios para o retorno de mulheres-mães ao mundo do trabalho após o período pós-licença maternidade, partindo da realidade de 23 mulheres de Imperatriz/MA. O objetivo geral é compreender os desafios e processo de retorno ao trabalho e estudo, de mulheres pós licença maternidade em Imperatriz/MA. A metodologia da pesquisa é de viés qualitativo e pesquisa exploratória, na qual, parte dos instrumentos para coleta de dados como, questionários, entrevistas diretas e não diretas gravações de áudio e levantamento bibliográfico. Compreender a realidade mulher-mãe é processo complexo marcado pelo machismo, capitalismo, patriarcalismo e contradições sociais econômicas e sociais. São espaços na sociedade e no trabalho que desconfiguram o corpo da mulher-mãe, rejeita e não aceita suas crias. Importante destacar que os desafios para a mulher-mãe retornar ao trabalho são mais conflituosos e cansativos, quando ela faz a escolha de trabalhar, estudar ou voltar a vida social, para tanto, é notório que para o mínimo de existência e sobrevivência não tem como fazer somente uma escolha de focar nos filhos, principalmente quando se é mãe solo, não têm apoio dos familiares ou mora longe da família.

Palavras-chaves: Mulher-Mãe, Trabalho, Gênero, Sociologia. .

Summary:

The following work addresses the challenges for the return of women-mothers to the world of work after the post-maternity leave period, based on the reality of 23 women from Imperatriz/MA. The general objective is to understand the challenges and process of returning to work and study, of women after maternity leave in Imperatriz/MA. The research methodology is qualitative and field research, in which, part of the instruments for data collection such as questionnaires, directive and non-directive interviews, audio recordings and bibliographic survey. Understanding the womanmother reality is a complex process marked by sexism, capitalism, patriarchy and social, economic and social contradictions. These are spaces in society and at work that disfigure the woman-mother's body, rejecting and not accepting her offspring. It is important to highlight that the challenges for the woman-mother who return to work are more conflicting and tiring when she chooses to work, study or return to social life. make only one choice to focus on the children, especially when you are a single mother, do not have support from family members or live far from your family.

Keywords: Woman-Mother, Work, Gender, Sociology.



1. INTRODUÇÃO

Ser mãe na sociedade brasileira não é fácil, principalmente quando compreendemos a exploração do trabalho, divisão sexual do trabalho, baixo salário, patriarcalismo, machismo, feminicídio no país, violência de gênero e muitos outros problemas que com a pandemia do covid-19 (2019 – 2022), se atenuaram e se tornaram mais graves.

Quando se fala em precarização do trabalho salientamos segundo Alves (2009), a importância de compreendermos a precarização do trabalho enquanto “experiência vivida” e “experiência percebida” de individualidades pessoais da classe do proletariado.

Para alguns empresários, segundo Hirata (2009), a globalização é a liberdade para o seu grupo de se implantar onde ele quiser, como dentro de uma perspectiva neoliberal onde os estados têm limites de intervenção quanto à economia desenvolvimentista, este possui o tempo que ele quiser, para produzir o que ele quiser, comprando e vendendo onde ele quiser, e tendo que suportar o menor número de obrigações possíveis em matéria de direito do trabalho e de convenções sociais.

Já quando se fala de divisão sexual da precarização do trabalho conforme Hirata e Kergoat (2007), não pode ser explicada ou elucidada sem que se recorra à dimensão extratrabalho, principalmente à relação entre os homens e as mulheres no universo doméstico. Percebe-se que o trabalho feito pelas mães em um período puerpério e até mesmo após, não está somente atrelado ao que se exerce fora de casa, seja no trabalho ou faculdade, existe assim, para a mulher-mãe um trabalho extra, entre esses, atividades domésticas como cuidar da casa, das crianças, limpeza, lavagem, cozinhar, e também outras problemáticas que leva do trabalho para residência.

A divisão sexual do trabalho é bem mais subjetiva do que analisar o que se acontece contemporâneo ou naquele tempo espaço, ela carrega em si um contexto social, histórico, geográfico e patriarcal, fatores esses que influenciaram muito no passado e ainda hoje são presentes, mas, a nosso ver, a partir de Hirata e Kergoat



(2007), falar em termos de divisão sexual do trabalho deveria permitir ir bem além da simples constatação de desigualdades.

O objetivo geral do trabalho é compreender os desafios e processo de retorno ao trabalho e estudo, de mulheres pós licença maternidade em Imperatriz/MA.

Entre os objetivos específicos, conceituar a estrutura de divisão sexual do trabalho; descrever os desafios com base nos relatos de caso; compreender como se constroem as relações de gênero na vivência, trabalho, estudos e construção do perfil da mulher-mãe.

Para podermos compreender os desafios e o papel da mulher-mãe frente ao retorno ao trabalho e estudos pós maternidade, será abordado questões como a divisão sexual do trabalho com base em Hirata e Kergoat (2007; 2009), Alves (2009), questões de gênero com base em Bruschini (2007) e Santana (2010), Maternidade com base em Jerusalinsky (2009) e Badinter (2011).

As colaboradoras de pesquisa serão vinte e três mulheres-mães que trabalham, sendo essas, participantes das minhas relações sociais de trabalho, estudo ou vida parental.

A metodologia da pesquisa é de viés qualitativo e pesquisa exploratória, na qual, parte dos instrumentos para coleta de dados como, questionários, entrevistas diretas e não diretas gravações de áudio, levantamento bibliográfico e visita de campo.

Estudar sexo-gênero possibilita uma reflexão além do macro classe, dividir as classes e entender por grupos possibilita assim, compreender as dinâmicas e questões micro social que fazem a mulher assumir tal papel, ou porque se é cobrado tal postura dela e do homem, faz com que compreendemos porque ela é pressionada a exercer certos ofícios e porque o homem acha que ele deve seguir outro, porque a mulher ganha menos e o homem mais, estudar essas relações sociais dentro da classe possibilita subtender todos os fatores ideológicos e históricos que se permeiam ainda hoje e modificam as estruturas sociais.

Conforme Hirata (2009) notou-se um crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho, tanto nas áreas formais quanto nas informais da vida econômica, assim como no setor de serviços, as mulheres adentram já numa fase



onde o trabalho é precarizado. Contudo, essa participação se traduz principalmente em empregos precários e vulneráveis, como tem sido o caso na Ásia, Europa e América Latina. As pesquisas realizadas por economistas feministas indicam claramente essa tendência (HIRATA, 2009 pag. 3).

Em pesquisas mais recentes, não encontramos relatos que contextualiza o retorno de mães pós-pandemia ao trabalho, para tanto, com bastante significado e servindo com inspiração para essa pesquisa, localizou-se a produção de Cavalcanti e Baia (2017), que partia do objetivo de analisar as dificuldades enfrentadas por essas profissionais desde o anúncio da gestação até o retorno ao trabalho propriamente dito. A realidade que partiu de base para a pesquisa das autoras foi a rede de apoio à maternagem em Belém do Pará.

Nesse contexto, a pesquisa de Cavalcanti e Baia (2017), se assimila com a presente proposta concluída, de modo que, foi realizado de forma virtual entrevistas e encontros com mulheres mães, tendo como resultado, relatos de mulheres que engravidaram e sofreram algum tipo de discriminação por estarem nessa condição, enquanto outras foram hostilizadas e sofreram preconceito dentro do próprio ambiente de trabalho, somente pela justificativa de que tiveram filhos, adiante, houve casos que algumas mulheres precisaram mudar de ramo de trabalho ou modificar suas formas de executar os trabalhos.

2. METODOLOGIA

A seguinte pesquisa parte da metodologia qualitativa, com base em Minayo (2001), no sentido de que, abordará questões que não podem ser quantificadas, pois, trata-se de aspectos subjetivos que abordam relações sociais de poder, afetividades e constituição humana de mulheres-mães, compreendendo desafios sociais, físicos, ideológicos, econômicos, machistas e etc.; que fazem o trabalho feminino ser contraditório, confuso, precário e frustrante.



2.1. Metodologia para Geração de Dados

Para geração de dados foram utilizados os seguintes instrumentos: pesquisa exploratória; caderno de campo; entrevistas diretivas e não diretivas; observação direta e participante; questionário online do google.

As entrevistas diretivas se deram por perguntas, nas quais, as entrevistadas responderam um questionário online do Google Forms, sendo as respostas objetivas ou discursivas.

Para análise de dados, foram analisadas de forma qualitativa todas as respostas das mulheres mães, para assim, traçar perfis, faixas etárias das mães e crianças, abordando questões como: 1. Quantidade de Filhos; 2. Se o conjugue ajuda nas atividades de casa e com os filhos; 3. Sente-se sobrecarrega com atividades do dia a dia? 4. Quais dificuldades enfrentou enquanto grávida e após o parto para retornar ao trabalho? 5. Deseja comentar alguma contribuição sobre desafios de mães para retorna ao trabalho, estudos ou em outros aspectos da vida?

2.2. Colaboradoras da pesquisa

Foram um total de 23 mulheres-mães que responderam ao questionário, residentes em Imperatriz e áreas próximas da cidade. Conforme o Gráfico I, temos a representação da faixa etária das mulheres entrevistadas, resultando em idades entre 24 a 43 anos.

Essas mulheres são professoras da Educação Básica, cuidadora de idosos(as), confeiteira, advogadas, militantes de causas sociais, operadora de caixa, auxiliar administrativa, caixas, locutora, gestora de recursos humanos, secretária escolar. Ressaltando que algumas dessas mulheres se afastaram da profissão - para além da licença – com o intuito de cuidar dos filhos recém-nascidos.

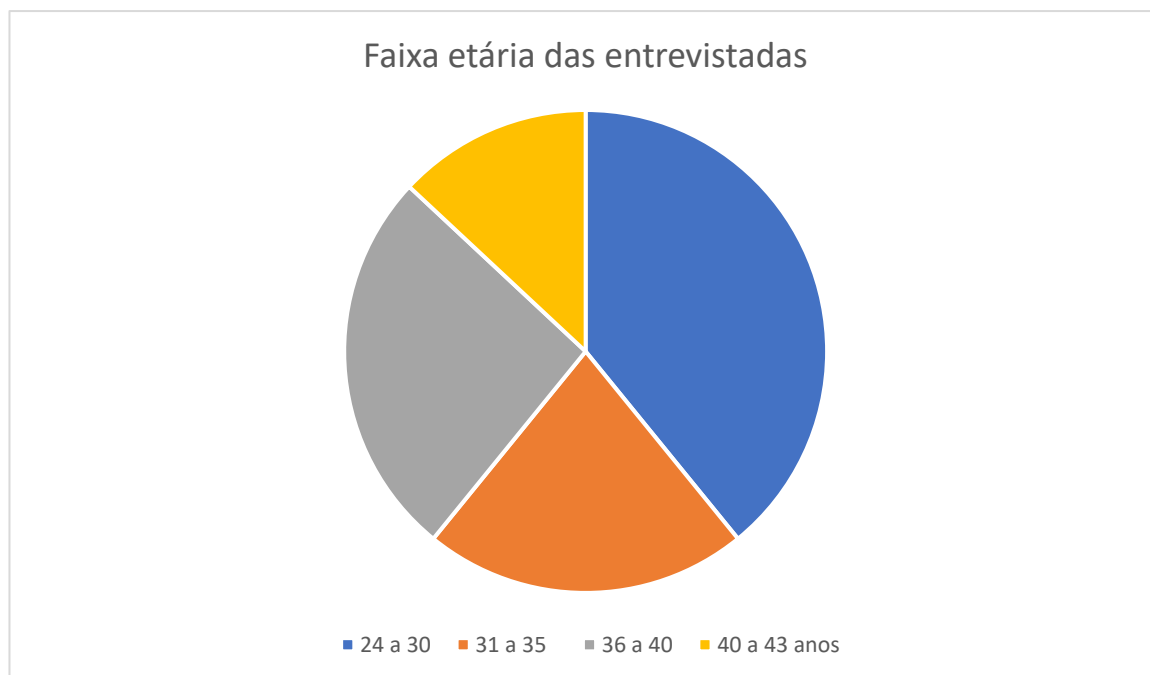
As entrevistas ocorreram por via de questionário online, as mulheres são colegas de trabalho e da Universidade com que a pesquisadora convive, na qual, foram compartilhado o link para mulheres-mães de Imperatriz/MA, que tivessem filhos



de 0 a 5 anos. Dessa forma, anteriormente foi descrito um texto informando para as colaboradoras quais eram os objetivos e público alvo da pesquisa.

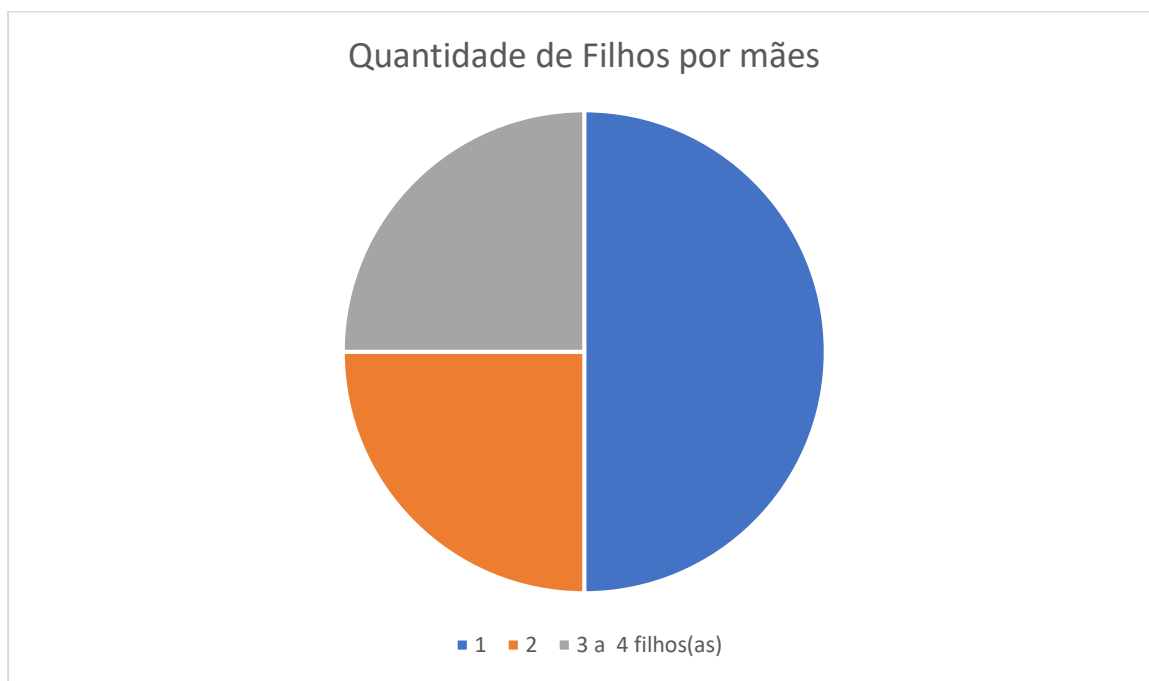
Texto Descritivo do formulário “Olá companheiras, amiga e colega de trabalho. Sou Paula Arruda, recente mãe e estou cursando Licenciatura em Ciências Humanas - Sociologia na Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Na busca de compreender o mundo da mulher-mãe convido você a compartilhar um pouco de suas experiências através desse questionário discursivo e objetivo”.

Gráfico I – Faixa etária das entrevistadas



Fonte: Autora, 2023.

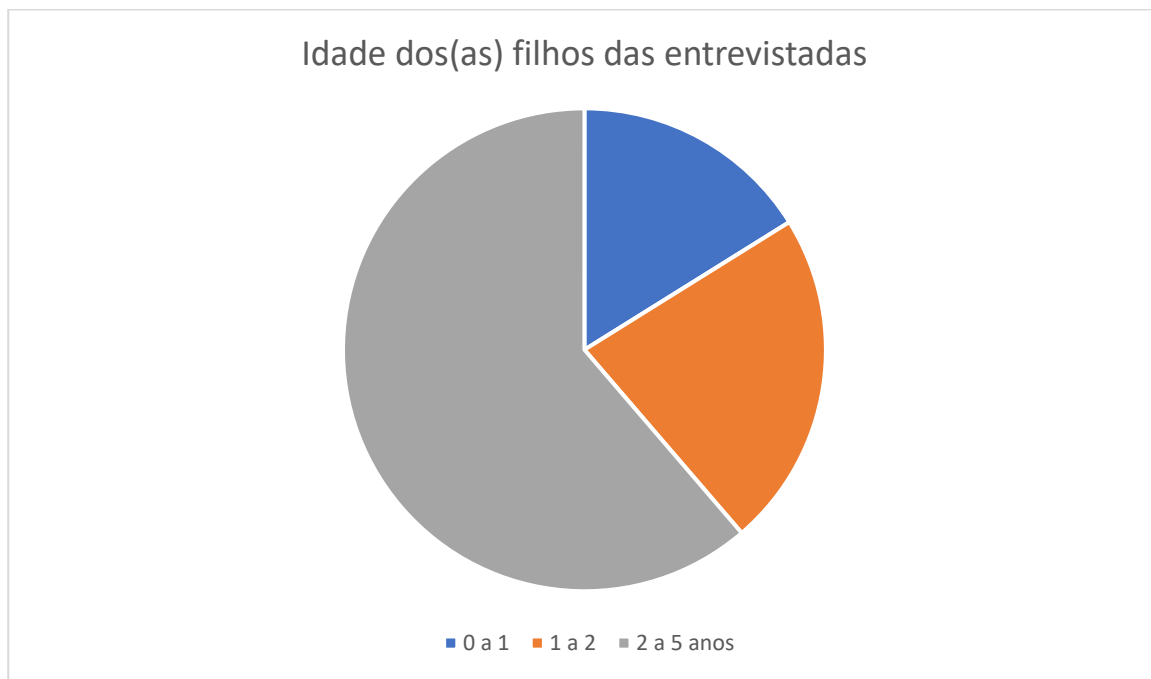
Consequente, 39% das entrevistadas possuem faixa etária entre 24 a 30 anos, enquanto 26% têm entre 36 a 40 anos, outra menor parte tem 31 a 35 anos (22%) e a menor parte 13% (40 a 43 anos). Desse modo buscando analisar a quantidade de filhos dessas mulheres, chegamos ao seguinte Gráfico II.

**Gráfico II – Quantidade de Filhos por mães**

Fonte: Autora, 2023.

Das mães entrevistadas um total de 54% tem um filho (a), tendo essas mulheres idades entre 23 a 43 anos, para um total de 6 (25%) possuem 2 filhos (as) e faixa etária de 29 a 39 anos, enquanto 13% mulheres de 29 a 37 anos têm 3 filhos e as com 4 ou mais filhos (8%), estão com idades acima dos 40 anos. Logo, em observância dos dados, as mulheres com uma idade crescente são as que têm mais de 2 filhos, logo, representa mais dedicação enquanto mulher-mãe para conciliar vida profissional e familiar.

Vale ressaltar questões como a idade dessas crianças por conta de que, quanto mais novas representam menos autonomia, pelo fato do processo natural de desenvolvimento humano da criança. Diante disso o Gráfico III, temos a representação da faixa etária das crianças.

**Gráfico III – Idade das Crianças**

Fonte: Autora, 2023.

As crianças totalizam 31, em maioria possuem entre 2 a 5 anos (61%), enquanto outro restante tem entre 1 a 2 anos (22%) e 17% possuem 0 a 1 ano. Sendo assim, concluímos que entre as mães que têm filhos mais novos, são um total de 4 tendo essas faixas etárias de 25 a 40 anos, dados esses obtidos pelo cruzamento de dados numa Planilha Excel.

3. FUNDAMENTAÇÃO

Primeiramente destacamos com base em Bruschini (2007), que a primeira geração de estudos sobre trabalho feminino no país, era estritamente focada numa perspectiva da produção, desconsiderando fatores de como a ocupação das mulheres nas sociedades são fortemente condicionadas pelo seu papel na família. Sendo assim, representava uma ótica positivista sobre o gênero, baseada numa perspectiva ainda fundamentalista das ciências naturais, considerando questões de gênero ligada



ao fato de a mulher ser reprodutora, de modo que, questões sociais, econômicas, trabalho, raça e classe social, eram universalizadas pelo mundo dos homens.

Nesses pressupostos, “discutir o papel da mulher no espaço público remetemos à divisão de trabalho existente entre homens e mulheres, que os levou a assumirem posições desiguais em termos de poder, prestígio e riqueza” (SANTANA, 2010, p. 72). Compreendendo assim, questões de gênero construídas por relações de poder vinculadas ao machismo, patriarcalismo e inferiorização das mulheres na sociedade, portanto, condicionantes esses, que causam a desigualdade, violência e exploração do trabalho feminino.

Torna-se a grosso modo contraditório o fato de que ocorreu um grande progresso das mulheres em países de todo o mundo, no sentido de que, como bem ressalta Santana (2010, p.72), “as diferenças de gênero contribuem e servem de base para as desigualdades sociais”.

Perante isso, os estudos sobre gênero e trabalho feminino no Brasil caíram no erro de dissertarem e categorizar as mulheres, sem ao menos perguntarem para essas que eram elas, desse modo, impuseram o que deveriam fazer, no mesmo momento sem atentarem a compreender o que já haviam feito.

Outra questão impossível de destacar, era o fato de não associarem nas pesquisas sobre gênero e trabalho, os afazeres domiciliares enquanto conceito de trabalho, como bem destaca Bruschini (2007):

A PNAD define como afazeres domésticos a realização, no domicílio de residência, de tarefas (que não se enquadravam no conceito de trabalho) de: arrumar ou limpar toda ou parte da moradia; cozinhar ou preparar alimentos, passar roupa, lavar roupa ou louça, utilizando, ou não, aparelhos eletrodomésticos para executar tarefas para si ou para outro(s) morador(es); orientar ou dirigir trabalhadores domésticos na execução das tarefas domésticas; cuidar de filhos ou menores moradores; limpar o quintal ou terreno que circunda a residência. A categoria “afazeres domésticos” abriga, portanto, uma ampla gama de atividades cuja diversidade, entretanto, não é devidamente detalhada nesses levantamentos oficiais (p. 544).

Desse modo, a dialética histórica que circunda a compreensão da mulher enquanto sujeita inserida no mundo do trabalho, desconsiderava as atividades domiciliares como um trabalho, reforçando ainda mais um contexto histórico e social



que potencializava a precarização do trabalho feminino para além de um contexto fora de casa, pois o que considerava-se atividade laboral era o emprego fora de casa, a exemplo, dentro de uma empresa ou instituição, mas ao chegar em casa há outros afazeres, que são cuidar da casa, limpar, varrer e afins, logo, ações que historicamente foram e são associadas as mulheres e descartado como obrigação dos homens.

Consequentemente, “ao longo dos anos 1970 e 1980, foi feito um sério trabalho de crítica às estatísticas oficiais, consideradas inadequadas para mostrar a real contribuição das mulheres à sociedade” (BRUSCHINI, 2007, p. 543). Nesse contexto, ressalta Bruschini (1988), como exemplo nos levantamentos censitários e domiciliares do IBGE, o trabalho doméstico realizado no domicílio pelas donas de casa não era sequer contabilizado como atividade econômica. De tal modo, quando as pessoas em grande maioria mulheres, ao responderem as perguntas feitas pelos órgãos de pesquisas, que em maior parte suas atividades eram domésticas, automaticamente foram classificadas como inativas, nesse modelo de compreensão, enquadravam-se também os aposentados, estudantes, doentes, deficientes físicos ou baixa renda.

O quadro interpretativo sobre essas mulheres passou ao longo do século XXI (IBGE, 1996), para um viés de compreender as atividades domésticas enquanto trabalho, de modo que, mesmo com a legitimação dessas atividades consideradas como trabalho, a precarização, o preconceito e relações sociais, se mantiveram como as mesmas do século XX.

3.1. Precarização do Trabalho

Alves (2009) retrata que a “experiência da precarização” implica “experiência percebida” e “experiência vivida”, processos dialeticamente articulados, que se impõem aos sujeitos/ agentes assalariados em processo de reestruturação. O sujeito fazendo parte de uma dessas infelizmente sofre com a precarização, mesmo que se perceba dentro de um trabalho precário e cobre, ainda não recebe uma solução.

Com base em Hirata (2009) a reflexão sobre a globalização é inseparável de uma desconstrução dessa noção, ou seja, muito se é mal conceituado ou limitado as



atribuições a tal termo, que utilizaremos como categoria analítica, ao mesmo tempo em que criticamos seu uso neoliberal enquanto modelo normativo (consagração da ordem estabelecida, fatalismo de um movimento necessário e inelutável), o fato desses se resumir a desenvolvimento econômico, onde as empresas e indústrias lideram e detém o poder estatal.

Dentro dessa concepção de Globalização encontramos dois termos conforme Hirata (2009), "Inclusão" ou "exclusão" podem ser consideradas termos para designar a estruturação de zonas desenvolvidas e de zonas excluídas do desenvolvimento (o caso de uma grande parte da África, por exemplo). O termo não desenvolvido e desenvolvido é usado para designar países que possuem pouca ou maior economia, sempre ligado as relações econômicas, desconsiderando às vezes fatores socioeconômicos.

Atendo-se a Hirata (2009), em primeiro lugar, ele é impulsionado por políticas governamentais neoliberais com consequências no plano da liberalização das trocas comerciais, ou seja, num processo de um lavar a mão do outro, ocorrendo à desregulamentação, a abertura dos mercados e novas lógicas de desenvolvimento das firmas multinacionais, lógica essa que não visa proporcionar um produto de bom agrado e baixo custo, tendo como corolários as privatizações, o desenvolvimento da subcontratação e da externalização da produção, incentivando mais ainda a precarização do trabalho e racionando os direitos trabalhistas; em segundo lugar, o desenvolvimento acelerado das tecnologias de informação e de comunicação e a expansão das redes, tornando possível a circulação imediata de informações e de dados de toda ordem e a financeirização das economias, colocando a margem pequenos empreendedores e potencializando a institucionalização dessas redes; em terceiro lugar, o novo papel desempenhado pelos organismos internacionais, de empenhar e colocar mais empresas externas dentro dos países, cujo papel regulador se efetua paralelamente, e nem sempre em harmonia com a regulação pelos Estados Nações e pelas firmas internacionais.

Hirata (2009) relata que Ruth Pearson demonstra que a globalização representa novas oportunidades, mas também novos riscos para as mulheres trabalhadoras. Suas pesquisas mostram que as desigualdades sociais nas relações



de trabalho e saúde parecem ter piorado sob o impacto das políticas de flexibilização. Porque a mulher antes assumia um papel nos trabalhos domésticos de casa e agora agregará mais outro trabalho fora de casa. Criaram-se meios de inserção da mulher no mundo do trabalho externo a sua casa, mas não se pensou em meios de mantê-la segura nesse novo modo de trabalho, que desconsidera fatores sociais por trás das relações e papeis exercitados por ela dentro da sociedade.

Segundo Hirata (2007), no que diz respeito à distribuição por sexo da maioria dos empregos precários, aponta que esses são geralmente assumidos por mulheres. À exceção do trabalho interino e da aprendizagem, essas formas instáveis de emprego – contratos com duração determinada (CDD) e contratos subvencionados – continuam afetando uma população constituída majoritariamente por mulheres mais jovens, devido serem inseridas há pouco tempo no mundo do trabalho, onde as formas já eram precárias e não sabem considerar a realidade social destas, sofrendo principalmente as menos qualificadas e com menos titulação do que o conjunto da população assalariada.

Além desses sistemas de emprego categorizados na fase de "globalização e neoliberalismo" precarizar as formas de trabalho, faz com que o próprio grupo de trabalhadores entre em conflito com eles mesmos, relata Hirata (2007), que ocorre processos de individuação e processos de precarização podem ocorrer simultaneamente, e as arbitragens entre conflitos na esfera do trabalho e fora dele são dimensões indissociáveis na análise, sendo assim, não se pode desconsiderar a relação interiorizada do grupo quando for analisar as consequências da precarização do trabalho.

Para Hirata (2009) o termo "contrato" não seria pertinente, na medida em que o "estado profissional" tenta integrar situações e períodos da existência fora de toda troca contratual dentro do mercado de trabalho, o contrato desconsidera que o estado profissional da pessoa está ligado ao social e pessoal; em segundo lugar, o termo "atividade" não seria pertinente do ponto de vista jurídico, na medida em que tal termo é demasiado amplo e inseparável da vida, atividade não pode se restringir a apenas a práticas dentro de casa. Os direitos sociais relacionados à atividade, lazer, comer, sendo direitos universais, a referência à atividade não configuraria uma base para



direitos específicos e eficiente, o sistema neoliberal em frente a tal percepção é bem mais forte.

3.2. Papéis de Gênero no Trabalho

Conforme Hirata (2007), as mulheres constituem, com certeza, a categoria que convém considerar inicialmente, ou seja, elas conquistaram espaço e resistência, são contribuintes para economia e mão de obra, assim como qualquer um da classe trabalhadora, em razão do lugar singular que ocupam entre os assalariados de hoje, e assim, deveriam poder ter o trabalho que lhe é digno. A definição dessa categoria, transversal àquela das categorias socioprofissionais, é evidentemente diferente daquela do grupo operário, no qual elas também estão presentes, embora em minoria; em contrapartida, são majoritárias no comércio e nos serviços, são espaços que elas assumiram e se destacam muito bem, todavia, sofrem com a pressão “de não ser um trabalho pesado”, segundo a concepção machista, e assim, não ganham tanta visibilidade.

A precarização do trabalho que atinge a categoria dos empregados deve ser então correlacionada à sua composição sexuada, ou seja, o fato classe coletiva influencia, mas, dentro dela mesma se segrega e um grupo que sofre mais, sendo estes influenciados por sua sexualidade (seria assim, influência da experiência vivida). Por outro lado, conforme (cf. desenvolvido em Hirata, Préteceille, 2002). Apud. Hirata (2007), o crescimento contínuo da taxa de atividade das mulheres nos últimos trinta anos, acarretando sua presença maciça e irreversível no trabalho assalariado, reforçou e redefiniu seu lugar nas questões levantadas pelas Ciências Sociais.

Hirata (2009) aponta que as mulheres podem ser mais facilmente "cobaias" de experimentações sociais porque são menos protegidas, ou seja, não a políticas públicas que a dê segurabilidade, sem contar-nos outros fatores ligados a dinâmica do machismo, e tanto pela legislação do trabalho quanto pelas organizações sindicais, e são mais vulneráveis, como ela relatou antes, ainda não um movimento social forte das mulheres. Embora o cenário mais provável seja o de uma dupla segmentação onde afeta ambos, com a constituição de dois segmentos do emprego masculino e



dois segmentos do emprego feminino, um estabilizado, outro precarizado, a força dissuasiva e de pressão sobre salários, condições de trabalho e de negociação dos trabalhadores de ambos os sexos parece evidente. E a mulher dentro dessa dinâmica toda acaba sofrendo mais, porque além de ser vítima do sistema capitalista neoliberal, ela sofre com a imposição de estereótipos, estigmas e outras formas de classificação do que esta deva fazer.

Quando retratamos ao termo divisão sexual do trabalho com base Hirata e Kergoat e Kergoat (2007), aplica-se na França a duas acepções de conteúdos distintos. Trata-se, de um lado, de uma acepção sociográfica: estuda-se a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, ou seja, porque a mais ou homens em certos ofícios e há menos mulheres em outros tipos de mercado ou inversamente, nos ofícios e nas profissões, e as variações seja por tempo de trabalho que estes exercem ou as formas de ocupações em certos espaços; a partir dessas observações do tempo, espaço e tipo de trabalho e que se identificará a divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos.

Os autores Hirata e Kergoat (2007), vêm apresentar dois termos de divisão sexual do trabalho, sendo o primeiro, mostrar que essas desigualdades são sistemáticas, ou seja, possui uma organização e métodos para se gerar, logo mais, um segundo termo que é articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, ou seja, se as mulheres estão em tal ponto da esfera trabalhista é porque esse papel deve a ela, seja por ser considerada mais frágil e o homem assumir um papel de um ser mais forte, e, portanto os sexos, em suma, para criar um sistema de gênero.

As mulheres no mundo do trabalho não assumem altos postos com a mesma frequência que homens, e o mesmo acontece com postos intelectuais. Uma massa enorme de mulheres assume trabalhos como limpeza, cuidadora, educação, cozinheira, babá e vendedora, tal reflexão se encaixa num terceiro aspecto tange à posição desfavorecida das mulheres em termos de postos de trabalho e de responsabilidades (HIRATA; KERGOAT, 2007, pag. 28).



A atividade feminina continua concentrada em setores como serviços pessoais, saúde e educação. Contudo, a tendência a uma diversificação das funções mostra hoje um quadro de bipolarização: num extremo, profissionais altamente qualificadas, com salários relativamente bons no conjunto da mão-de-obra feminina (engenheiras, arquitetas, médicas, professoras, gerentes, advogadas, magistradas, juízas, etc.), e, no outro extremo, trabalhadoras ditas de "baixa qualificação", com baixos salários e tarefas sem reconhecimento nem valorização social. Essa bipolarização não surge apenas nos países europeus desenvolvidos, mas também em países semi-industrializados como o Brasil.[...] (HIRATA, 2009, pag. 6).

O trabalho feminino, ainda é muito associado a práticas que a "mulher deve exercer", como práticas maternas, delicadas, todavia, ao retratar a bipolarização mostra a dissonância exercida dentro da classe trabalhadora feminina, atribuindo a umas como menores e mais qualificadas, sendo que essa bipolarização não ocorre somente em escala macro, mas, também micro. Em outras palavras, pouco mais de 10% do trabalho feminino pertence agora à categoria das "profissões executivas e intelectuais superiores". Entretanto, a taxa de "feminização dessas profissões passou na França de 24% em 1982 para 34% em 1998" (HIRATA 2009, pag. 6).

Hirata (2009), relata que a distinção entre emprego, trabalho e atividade vem sendo feita desde o início dos anos oitenta pelas estudiosas do trabalho feminino como Kergoat ou Maruani. Tal distinção permitia indicar, por exemplo, que a relação positiva ao emprego, proporcionando um rendimento, pode se aliar, no caso das mulheres, a uma relação negativa ao trabalho repetitivo, monótono e penoso; ou seja, faz desejar um emprego com formas de trabalhos não relacionadas às atividades doméstica que exerce em casa, essa distinção permitia também indicar que a atividade feminina poderia ser detectada de maneira quase que onipresente na sociedade, observando que são raras as oportunidades de um emprego não relacionado a serviços domésticos, a despeito da falta de emprego (falta de proteção social, de contrato de trabalho, de salário) ou de um trabalho visível, reconhecido como tal através do estabelecimento de condições precisas de seu exercício e de uma remuneração fixa.

Consequente, não podemos descartar as características contraditórias do progresso das mulheres no mundo do trabalho, com base em Bruschini (2007), ao traçar um panorama da situação das mulheres no mercado de trabalho brasileiro



desde a última década do século XX até os primeiros anos do novo milênio (2005), sendo assim, marcada por progressos e atrasos. Logo, ocorre no período de 70 uma grande participação das mulheres no mercado de trabalho e ao mesmo tempo, um alto grau de desemprego e má qualidade do trabalho feminino.

As dissonâncias dessas questões podem ser observadas de 1970 a 2005, pois de um lado temos mulheres que conseguem conquistar bons empregos e carreiras profissionais de alto prestígio como chefia de empresas, quanto a outro lado mulheres com pouca formação educacional ocupando espaços de trabalho com atividades precárias e informais (BRUSCHINI, 2007).

Portanto, torna-se urgente compreender qual é perfil dessas mulheres trabalhadores a partir do campo de vivência delas próprias. Ainda voltado nesse período de transição do século XX a XXI, conforme Bruschini (2007), temos um perfil de trabalhadores mais velhas, casadas e mães, configurando assim, uma nova identidade feminina, voltada tanto para o trabalho quanto para a família, para tanto, dentro de ambos espaços recai a responsabilidade dessas mulheres pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e outros familiares, representando a própria reprodução dos modelos familiares tradicionalistas. Dessa forma, todas essas questões sobrecarregam essa nova mulher trabalhadora, principalmente as que são mães de filhos pequenos, no sentido de consumir bastante tempo e cuidados com os bebês.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1. A Relação de Gênero na Construção da Mãe Trabalhadora

Antes de compreendermos o que é ser mãe, precisa-se refletir sobre as relações de gênero, como bem reforçado sempre foram baseadas nas imposições patriarcalistas, machistas e na dominação dos homens sobre as mulheres, tendo com discurso de legitimação a religião, sistema econômico, “força física” e o órgão genital. Como bem ressalta Santana (2010):



pode-se concluir que as relações de gênero são fundamentadas na dominação e no poder exercido pelos sexos, onde nesse duelo na maioria das vezes o homem é quem conduz, não sendo diferente na sexualidade, visto que numa cultura que insiste em valorizar o homem como poderoso, está a mulher que vem a dura pena lutando pela conquista de espaços ou por respeito, meio a essas transformações nas relações homem-mulher, sem rejeitar a vida familiar, mas questionando o que está posto tal qual está definido, por décadas (p. 75).

Essa reprodução advinda de um machismo estrutural, condiciona que papéis as mulheres devem exercer, mesmo que ela resista e os rejeite, provocando assim, um sufocamento nas mulheres e um sentimento de revolta, na qual, esse sentimento é mais doloroso e contraditório quando se torna mãe, pois aumenta o trabalho e a responsabilidade feminina. Portanto, ao mesmo tempo que o homem historicamente conduz e impõe o que a mulher-mãe deve fazer, se isenta de assumir qualquer responsabilidade nas atividades familiares, por conta da própria cultura machista que lhe dá o espaço de decidir o que pode ou não deve fazer em casa.

Dentre essas instâncias, o papel destinado ao homem como sujeito sustentador da casa e da mulher como cuidadora da casa, faz com que, homens trabalhem fora de casa e ganha o provento financeiro para gerir as contas da família e casa, enquanto a mulher, deve limpar, varrer, cozinhar, cuidar das crianças e outros afazeres domésticos. Todavia, é um retrato exposto de uma cultura machista, cheia de contradições no momento em que, muitas das mulheres não só trabalham em casa e cuidam dos filhos, pois ainda carregam a responsabilidade de trabalharem fora de casa. Por conta disso, surgiu aí uma precarização do trabalho feminino, pelo fato das mulheres sustentarem dois papéis e sobrecarga de afazeres domésticos e profissionais.

Adiante, como ressalta Santana (2010) o gênero dá significado às diferenças que são produzidas socialmente, e mediante o processo de construção do gênero, ou seja, o meio social dita e se apropria de ideais do que é ser homem e ser mulher, definindo assim, o que cada gênero deve ou não pode fazer. Representa uma simbolização cultural, que além de mascarar o sexo, encobre questões políticas e religiosas. Sendo assim, reprodução de valores impostos pela sociedade, nos quais, intrometem no consciente humano por meio de novelas, músicas e filmes.



Refletir sobre a mulher enquanto gênero é o passo para compreender a mulher enquanto mãe, vale ressaltar com base em Badinter (2011), para as mulheres-mães, a plenitude não para face a face com o bebê, recaem sobre a mãe por conta de um suposto instinto maternal, a necessidade de “velar pela criança desde o nascimento, ajudá-la se desenvolver, etapa por etapa, para ter a alegria e o orgulho de, um dia, ver um adulto realizado e não é uma ambição mesquinha” (BADINTER, 2011, p. 158).

Para tanto, a condição de um sucesso na vida, não é totalmente garantida, porém, a mãe encontra prazer nisso e o próprio filho também. Nesse princípio da necessidade de focar e centralizar a vida para cuidar de uma criança, segundo Badinter (2011), a mulher “abandona o trabalho sem hesitar para se tornar mãe exclusiva, ou intensiva recomendada pelos Brazelton ou pelos Antier”. O sentimento de uma vida ter saído do seu corpo, torna as necessidades da criança como centro de suas vidas, gerando um compromisso com seu bebê de forma afetiva e emocional.

Para além disso, outra problemática é os processos de negociação, conforme Badinter (2011), a dois polos, na qual, O ideal materno choca-se violentamente contra as obrigações cada vez mais exigentes do mundo do trabalho. Desse modo, surge o questionamento ao consciente dessas mulheres mães, como atender a um sem sacrificar o outro? A resposta é incerta, pois “nos últimos trinta anos, tornou-se mais difícil em virtude da sucessão das crises econômicas e da angústia do desemprego que espreita a todas e a todos” (BADINTER, 2011, 167).

Torna-se importante ressaltar que a contradição e conflitos causados por esses dois polos, evolui em razão da idade e das necessidades da criança e das poucas oportunidades profissionais. Portanto, o perfil materno é carregado de expectativas criadas pela mãe e meio social, no momento em que a criança passe por um desafio ou imprevisto, temos assim, um perfil de mulher-mãe confortada e frustrada. Dessa forma, a mulher internaliza uma culpa por não ter cumprido o papel ideal de mãe, logo, o sentimento de insucesso e fracasso enquanto mulher-mãe lhe atinge e lhe deprime. Como apontou Badinter (2011, p. 161) é um problema com o qual “as mulheres, cada vez; em maior número, não querem ser confrontadas”.



4.2 Mulher-mãe em relação com o Mundo do Trabalho

Como bem ressalta Bruschini (2007), para além da compreensão das variadas transformações demográficas, as mudanças que ocorreram nos padrões culturais e valores relativos ao papel social da mulher, modificaram a identidade feminina, no sentido de que, passaram cada vez mais a serem voltadas para o trabalho renumerado.

Obstante, também temos um processo de “expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades”, que viabilizaram o acesso das mulheres a novas oportunidades de trabalho (BRUSCHINI, 2007, p. 540). A junção de todas essas determinações, não representa apenas o crescimento da atividade feminina, mas outras variadas transformações no perfil da força de trabalho.

As trabalhadoras, que, até o final dos anos 70, em sua maioria, eram jovens, solteiras e sem filhos, passaram a ser mais velhas, casadas e mães. Em 2005, a mais alta taxa de atividade feminina, 74%, é encontrada entre mulheres de 30 a 39 anos, 69% das mulheres de 40 a 49 anos e 54% das de 50 a 59 anos também são ativas (BRUSCHINI, 2007, p. 540).

Ou seja, essa trajetória temporal dos anos 70 deixa de ter um perfil da inserção de mulheres no mundo do trabalho que eram somente solteiras, jovens e sem filhos, e abre espaços após os anos 2000, para mulheres com outras identidades e características, sendo mais velhas, casadas e mães. Todavia, se antes já tínhamos problemas estruturais e uma precarização do trabalho pelo fato de serem do gênero feminino, adiciona-se a problemática a sobrecarga de trabalho doméstico e materno a mulherada inserida no mundo do trabalho precário, causando assim, um sufocamento e um peso a mais nas mulheres-mães.

Diante desse contexto dos anos 70 a 2005, ante exposto e relato ao percurso textual, a presente discussão pauta-se na compreensão da realidade de mulheres-mães da cidade de Imperatriz/MA, quanto as principais dificuldades enfrentadas em retornar para o mundo do trabalho após terem filhos. Presente preposto se organiza na compreensão do perfil dessas mães e relatos de caso frente a um questionário aplicado online.



4.3 Os Desafios das Mulheres-Mães Imperatrizense em retornar ao Mundo do Trabalho e Estudos

Compreender os desafios enfrentados pelas mulheres-para o retorno ao trabalho, é necessário entendermos a dissonâncias da maternidade, na qual com base em Jerusalinsky (2009) uma característica após a mulher torna-se mãe é o sentimento de angustia, por não ter a chance de retornar imediatamente ao trabalho, até porque demanda questões de ordem financeira, mais uma boca em casa, e se a mãe for solteira e estudante o problema se acentua mais ainda.

Desse modo, no momento puerpério e maternal, a maternidade e trabalho são vividos imaginariamente “como concorrentes opostos na realização fálica, pelo qual o investimento crescente em um implicaria necessariamente o desinvestir proporcional no outro” (JERUSALINSKY, 2009, p.128).

Partindo dessa compreensão a mãe sente-se dividida em dois polos que criam desafios para organização e causam bastante cansaço, a vida dupla trabalho e maternidade. Com isso, levantou-se o questionamento para as 23 mulheres-mães entrevistadas: quais os principais desafios enfrentados para retornar ao mundo do trabalho?

Um dos maiores desafios relatados por mais de 87% das mulheres que responderam ao questionário foram as dificuldades de encontrarem alguém que ficasse com as crianças, para que assim, pudessem ir ao trabalho. Dentre os relatos Entrevistada A¹ descreve um pouco acerca dos seus desafios:

“Devido aos custos para deixar o meu filho com outra pessoa, juntamente ao desejo de acompanhar meu filho de forma exclusiva no primeiro ano de vida abrir mão do trabalho secundário e passei a me dedicar somente ao meu filho, esposo, casa e estudos” (31/10/2022).

¹ A Entrevistada A, é uma mulher de 29 anos, formada em Ciências Humanas e mestranda em Educação, seu filho tem 1 ano de idade, a mesma é uma mulher negra que pesquisa e luta contra o racismo dentro da Educação e Sociedade.



Observando essas problemáticas, notamos que essa percepção de que a mãe deve dedicar sua vida ao recém-nascido é um processo que entra em choque quando se escolhe voltar para o mundo do trabalho, pois questões econômicas são umas das principais dificuldades, limitando assim, apoio de uma segunda pessoa para ajudar cuidar dos filhos, porque é necessária uma renda extra para pagar uma cuidadora, além de que, maioria dos espaços de trabalhos não são adequados e nem aceitável que a mãe leve a criança.

Complementando uma descrição desses desafios a Entrevistada B² (2022) relatou que sua maior dificuldade é com quem deixar a filha, além de fatores como “reorganizar a rotina, em quem confiar” e gerir a “alimentação”. Além dessas questões, Entrevistada C³ (2022) contribui com outros fatores que implicaram na sua vivência para retornar ao mundo do trabalho:

“Sim, pois sabemos muito bem como uma mãe que trabalha pena, pela sobrecarga de ser mãe, dona de casa e trabalhadora. A dupla jornada para mãe é sempre maior em comparação ao pai. Sem rede de apoio a essa mulher nesse momento fica muito difícil o desenvolvimento desse papel de mãe e dona de casa com tamanha demanda” (31/10/2022).

O processo de ser mãe como bem pontuado pela Entrevistada C (2022) e pelas respostas das mulheres no formulário do Google Forms, é a problemática muito aqui discutida, a dupla jornada, na qual caracteriza-se pelo excessivo trabalho que a mãe fica sobrecarregada, questões como falta de apoio da família e marido influenciam diretamente para mulheres-mães que se aventuram a retornar no período em que criança ainda é nova e sem autonomia, logo, a mãe enfrenta o sentimento de que está falhando com o seu papel de mãe e enquanto profissional no trabalho.

Em compartilhamento de experiências de algumas poucas mulheres que conseguiram voltar para o mundo do trabalho no período maternal, Entrevistada D⁴

² A entrevistada B, é uma mulher de 40 anos, professora municipal, formada em Pedagogia e Mestre em Educação, tem uma filha de 4 anos de idade.

³ A entrevistada C é uma mulher de 35 anos, trabalha como cuidadora social, formada em Ciências Humanas – Sociologia e têm uma filha de 3 anos.

⁴ A Entrevistada D, trabalha na militância e instituição de proteção a mulheres em situação de violência, é formada em direito, defensora dos direitos humanos e mestra em Educação. A mesma tem um filho de 0 a 1 ano.



(2022) compartilhou uma fala emocional e forte, na qual nos disse "...muitas dificuldades. O cansaço me dominou", enquanto entrevistada E⁵ (2022) descreve que tinha muita dificuldade de sair para amamentar.

Presente contexto, só traz à tona como além da precarização do trabalho feminino, as mulheres-mães sofrem mais ainda com a falta de acolhimento e espaços que possam trabalhar e dar atenção a criança. Logo, fazendo com que nesse jogo sentimental e capitalista as façam escolher, entre dedicar-se integralmente a criança porque é necessário e urgente, ou a um trabalho que vai lhe sobrecarregar, mas que necessita financeiramente para ajudar cuidar do recém-nascido e manter as custas em casa.

Com base nas respostas e em compreensão ao Jerusalinsky (2009), muitas dessas mulheres vivenciam o trabalho como uma posição importante em suas vidas.

Nesse sentido o desafio que essas mulheres passam, os pais já não sofrem tanto, como bem ressaltado pelas mulheres (87%), tiveram dificuldade para voltarem ao trabalho porque não tinham com quem deixar o bebê, enquanto outras 7% voltaram com o adendo de que tiveram que levar seus recém-nascidos para o ambiente de trabalho, sendo assim, questiona-se o porquê dessas 94% de mulheres-mães não terem citado o fato dos esposos/pais não poderem ficar com essas crianças, para assim, elas irem trabalhar.

A resposta é clara e objetiva, o mundo do trabalho culturalmente está direcionado para os homens que majoritariamente são reconhecidos como sustentadores da casa, excluindo assim as mulheres consideradas cuidadoras da casa e da família, no entanto, as que conseguem adentrar sofrem com a precarização do trabalho feminino e a rejeição de seus corpos e filhos após se tornarem mães, com base em Jerusalinsky (2009), isso é "equação simbólica pênis-falo-trabalho", a mulher então sendo mãe precisa enfrentar questões como patriarcalismo, machismo, preconceito e dupla jornada do trabalho em uma empresa e em sua casa, levando a ter que tomar uma escolha rápida, entre trabalhar ou ser uma mãe dedicada ao filho.

⁵ A Entrevistada E, trabalha como vendedora numa loja de eletrodoméstico, e tem um filho(a) de 0 a 1 ano.



Consequente, é notório que a separação do bebê é um momento importante na vida das mulheres-mães e da própria criança. Diante disso, quando se deparam com o fim da licença maternidade e a hora de reingressar ao mercado de trabalho, estudos, vida social e afins, conforme Jerusalinsky (2009), o conflito ainda está latente e a dificuldade de escolha presente, formando um processo de resistência e desestabilidade, pois a mulher-mãe não retorna de forma fácil, seja pelo sentimento de achar que está faltando responsabilidade com o bebê, ou por não administrarem de forma tranquila a presença/ausência com o seu filho(a).

Não há possibilidade de dissociar que a dificuldade de retornar ao trabalho da mulher-mãe se atenua quando ela é estudante, desse modo, questionou-se as colaboradoras da pesquisa sobre a dificuldade de retornar para os estudos, logo, em geral apenas 65,21% das entrevistadas estudavam antes do período puerpério, totalizando assim, 15 entrevistadas, ressaltamos que todas essas afirmaram dificuldade de retorno ao estudo.

Portanto, além dessas 23 mulheres-mãe serem trabalhadora, 15 delas também era estudantes, tanto que em um relato da mãe Entrevistada A, foi característica de algo impactante nessa questão conflituosa, quando questionada sobre a dificuldade de retornar ao estudo:

Muita, ainda estou tendo. Iniciei um processo seletivo de mestrado ainda grávida e dei à luz ao meu filho durante uma disciplina, não tive pausa, não tive licença. Com isso os estresses que uma pós-graduação naturalmente geram me vieram juntamente com os estresses, angústias e mil outros sentimentos que surgem no puerpério (31/10/2022).

Diante disso, a sobrecarga do trabalho precário e falta de alguém para ajudar nos cuidados com o filho, tem que lidar com o atraso dos estudos e de outros objetivos de vida. Para além, entrevistada B (2022) complementa com outras questões que dificultam a vida de uma mãe trabalhadora e estudante, entre elas “conciliar horários, perda de concentração constante, como se dividir entre as necessidades do bebê e os prazos acadêmicos...” (31/10/2022).



Além dessas outras características ainda tem o fato de questões afetivas e compromissos que a mulher-mãe assumem, destaca a Entrevistada F⁶ (2022): “trabalhava o dia todo, a noite tinha as tarefas de casa, o filho pra cuidar, dar atenção para o marido, tive que adiar a pós graduação”. Ou seja, assim como a escolha entre dar atenção ao bebê e família, ou o trabalho, há outro terceiro campo de disputa nessa única escolha posta as mães que é escolher ou abandonar os estudos/formação acadêmica.

Acima discutimos sobre a necessidade constante da mãe se dedicar ao filho que é algo natural e compreensivo, até pela sobrecarga da responsabilidade sobre a mãe, para tanto, no campo dos estudos, não deixa de ser diferente. Entrevistada G⁷ (2022) comenta que “minha filha demanda bastante atenção então só consigo estudar nos horários em que ela está dormindo abrindo mão do meu próprio descanso” (01/11/2022).

Não obstante, a mãe também sente culpa quando coloca os estudos dentro do plano de vida e sente ao mesmo tempo, como se tivesse excluindo seu filho (a) ou não dando a atenção necessária, identificamos isso na fala da Entrevistada D (2022), ao relatar que é muito difícil estudar com filho por perto, lhe causando uma sensação de que estava tirando tempo, na qual poderia destinar a ficar mais com a criança.

Não obstante, Entrevistada H⁸ (2022) comenta, “queria sempre dar a atenção necessária pro meu filho, e deixava os estudos em último plano, tanto que passei um semestre sem estudar, como também o excesso de trabalho doméstico” (01/11/2022).

Em consonância dos momentos finais desse questionário aplicado, tivemos uma pergunta chave para essas mães: Deseja falar sobre algo novo ou desafio enfrentado no período anterior e posterior a maternidade?

Diante disso, as respostas causam um pouco de choque e trouxeram algumas reflexões que não foram acessadas com os primeiros questionamentos, pois nesse diálogo de uma pergunta subjetiva, as mulheres-mães abriram seus corações para

⁶ A entrevistada F é vendedora numa loja de eletrodoméstico e tem dois filhos. Um deles é um recém-nascido.

⁷ A entrevista G é professora na rede municipal, formada em Ciências Humanas – Sociologia e mãe de um bebê de 1 ano.

⁸ A entrevistada H é vendedora numa loja de eletrodoméstico e tem um filho.



expressar situações de opressão, desejo e esperança de um mundo e espaços melhores para as mulheres trabalhadoras, estudantes e mães.

Entrevistada A (2022) descreve o desejo que de que Universidade de forma geral:

...enxergasse as mulheres mães de forma mais amorosa, com mais empatia. Como disse uma professora durante uma de minhas aulas "Nós mães podemos fazer tudo que uma pessoa sem filho consegue fazer, mas precisamos de mais tempo!" E é isso, meu tempo não é mais o mesmo, meu corpo e mente também não, mas cobranças que tenho continuam sendo e isso é doloroso (30/10/2022).

Já Entrevistada D (2022) desejou compartilhar o "padecer" da maternidade, pois ainda não havia encontrado o paraíso. Enquanto isso, Entrevistada E (2022) destaca que ser mãe, dona de casa dona de casa e estudante ao mesmo tempo é muito desafiador, a maternidade exige muito de você. As vezes esse perfil vem marcado pelo desânimo, cansaço, mas com determinação e perseverança podem mostrar são capazes de superar.

Em caráter de problematização, Entrevistada C (2022) destaca que a maternidade não deve ser romantizada pela sociedade, pois, a mulher sofre com tanta demanda antes durante e depois da maternidade, principalmente para mães solo, nas quais, sem o apoio devido, os desafios são enormes a serem enfrentados.

Uma representação bem clara da problemática apresentada pela Entrevistada C (2022), está descrita na fala de Entrevistada I (2022):

No período quando descobri que estava grávida, há 16 anos atrás, eu trabalhava e perdi o serviço por engravidar. Foi muito difícil esse período, passei muita dificuldade na minha gravidez e posteriormente pois tive que conciliar a maternidade com o serviço. Trabalhei, mas depois de certa data tive que largar o serviço para cuidar da minha filha e das tarefas dela. É muito bom ter filha, mas a dificuldade é grande, pois a responsabilidade dobra (01/11/2022).

Em análise aos relatos, e em relação com a concepção de Badinter (2011), é criado um ideal feminino, na qual, não abrange o modelo de maternidade, portanto, temos um desejo de realização pessoal que é marcado pela motivação dominante do nosso tempo, logo, as mulheres encontram-se no centro de uma "tripla contradição".



Um exemplo claro do processo de contradição entre ser mãe e realização pessoal, temos na fala de Entrevistada J⁹ (2022), relata que o maior desafio foi conciliar emprego e filhos, pois passou por muita pressão do patrão, deste modo, como era vendedora precisava vender bastante e a sua maior preocupação era manter-se no emprego, para assim, poder ajudar na manutenção da casa e dos filhos.

Vale-se destacar nessa trajetória com base em Badinter (2011, p. 143), que em cada “cultura, existe um modelo ideal de maternidade predominante que pode variar segundo as épocas”. Consequente, conscientemente ou não, todas as mulheres imperatrizenses o carregam. O ideal é que pudesse aceitá-lo ou contorná-lo, negociá-lo ou rejeitá-lo, mas é sempre em relação a ele que, em última instância, se é determinado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a realidade mulher-mãe é um processo complexo e necessário, buscando uma reflexão-ação acerca do machismo, capitalismo, patriarcalismo e contradições sociais econômicas e sociais. São alguns espaços na sociedade e no trabalho que desconfiguram o corpo da mulher-mãe, rejeita e não aceita suas crias. O sentimento de insucesso do gênero feminino no momento de gerar outro ser humano é algo provocado por uma cultura sistêmica advinda do machismo, em um mundo do trabalho e estudos adaptáveis muitas das vezes somente ao gênero masculino, esse sistema causa a contradição e angustia nas mulheres-mães, em um dos seus momentos mais íntimos, cansativo, gratificante e afetivo.

Para tanto, as mulheres imperatrizenses trazem falas marcadas por esperança e vontade de mudar a configuração existentes em suas realidades, sendo assim, falas que denunciam, expõe a precariedade do mundo do trabalho quando pensado no gênero feminino. Fazer escolha entre os filhos e o trabalho, é uma situação perturbadora para as mães, ao mesmo tempo em que, para dar uma boa vida para seu filho ela precisa no mínimo ter uma renda, auxílio ou políticas públicas eficientes.

⁹ A entrevistada J é vendedora numa loja de eletrodoméstico e tem dois filhos. Um deles é um recém-nascido.



Importante destacar que os desafios para a mulher-mãe retornar ao trabalho são mais conflituosos e cansativos, quando ela faz a escolha de trabalhar, estudar ou voltar a vida social.

REFERÊNCIAS

ALVES, Giovanni. Trabalho e reestruturação produtiva no Brasil neoliberal – Precarização do trabalho e redundância salarial. **Rev. Katál. Florianópolis**. v. 12 n. 2 p. 188-197 jul./dez. 2009.

BADINTER, Elisabeth. **O conflito entre a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

BRUSCHINI, M. C. A. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. In: Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007.

BRUSCHINI, Maria Cristina. **Trabalho das mulheres e mudanças no período 1985 – 1995**. São Paulo: FCC/DPE, 1998.

HIRATA, Helena. A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. p. 24-41. 2009.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. **Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp**. 2009.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cad. Pesqui.** v.37 n.132. São Paulo. set./dez. 2007.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **O novo rural brasileiro**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 34, Aracaju, 1996. Anais... v. 1, p. 71-90. – In: ENCONTRO NACIONAL DE ECONOMIA, 24, Campinas, 1996. Anais... v. 1, p. 345-61.

JERUSALINSKY, J. **A maternidade e o Gozo fálico**. In: A criação da criança: letra e gozo nos primórdios do psiquismo (pp. 122-134). Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SANTANA, Anabela Maurício de. MULHER MANTENEDORA/HOMEM CHEFE



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO
MARANHÃO

Centro de Ciências de Imperatriz - CCImp
Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia

DE FAMÍLIA: UMA QUESTÃO DE GÊNERO E PODER. **Revista Fórum de Identidades**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, V. 8 | jul-dez. 2010.

CALVACANTE, N. S. B.; BAIA, D. C. P. SER MÃE NO MUNDO DO TRABALHO: NOTAS SOBRE OS DESAFIOS DA REINSERÇÃO DE MULHERES NO MERCADO DE TRABALHO APÓS A EXPERIÊNCIA DE MATERNIDADE. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.